

Patamares evolutivos do pensamento humano segundo Merlin Donald

António Jaime da Silva Moura Neto ¹, Helena de Jesus Vieira dos Santos Neto ²

Resumo A partir de análise sinóptica da hipótese de Merlin Donald, proposta na publicação *Origens do pensamento moderno*, é apresentado um caso clínico que se propõe a ilustrar alguns dos conceitos desenvolvidos na obra. A metodologia de pesquisa consistiu essencialmente em levantamento bibliográfico e comparação ao caso relatado, mediante o recurso à armazenagem simbólica externa. As peculiaridades do caso clínico foram levantadas por observação participante no local de trabalho, bem como por consulta ao prontuário do paciente, salvaguardados os princípios éticos inerentes à situação, nomeadamente o princípio da confidencialidade que se mantém ao longo do trabalho. Este artigo é fundamentalmente constituído por duas partes: a primeira, na qual se abordam os patamares evolutivos propostos pelo autor e a segunda, em que, após a descrição do caso clínico, se ilustram esses patamares por meio da observação efetuada.

Palavras-chave: Evolução cultural. Evolução biológica. Pensamento. Bioética.

Resumen

Niveles evolutivos del pensamiento humano según Merlin Donald

A partir del análisis sinóptico de la hipótesis de Merlin Donald, presentada en la publicación *Orígenes del pensamiento moderno*, se presenta un caso clínico que se propone a ilustrar algunos de los conceptos desarrollados en la obra. La metodología de la investigación se ha basado esencialmente en búsqueda bibliográfica sistemática y comparación al caso narrado, mediante el recurso al almacenamiento simbólico externo. Las peculiaridades del caso clínico fueron planteadas por observación participante en el lugar de trabajo, así como por consulta al prontuario del paciente, salvaguardados los principios éticos inherentes a la situación, especialmente el principio de la confidencialidad, que se mantiene a lo largo del trabajo. Este artículo está fundamentalmente conformado por dos partes: la primera, en la cual se abordan los niveles evolutivos propuestos por el autor, y la segunda, en la cual, tras la descripción del caso clínico, se ilustran esos niveles por medio de la observación llevada a cabo.

Palabras-clave: Evolución cultural. Evolución biológica. Pensamiento. Bioética.

Abstract

The evolutionary levels of human thought according to Merlin Donald

From synoptic analysis of Merlin Donald's hypothesis, proposed in the work *Origins of modern thought*, a clinical case is presented in order to show some concepts developed in his work. The methodology used was essentially bibliographical literature and comparison to the reported clinical case, using external symbolic storage. The peculiarities of the clinical case were raised by participant observation in the workplace and by consulting the patient's medical record, safeguarding the inherent ethical principles, including the principle of confidentiality, kept throughout this clinical case. This work comprises basically two parts: the first, where the author's proposed evolutionary levels are approached, and the second that, after description of the clinical, these parameters are illustrated through undertaken observation.

Key words: Cultural evolution. Biological evolution. Thinking. Bioethics.

1. Mestre neto.aj@gmail.com 2. Especialista helenadejesus.neto@gmail.com – Hospital de Braga, Braga, Portugal.

Correspondência

António Jaime da Silva Moura – Travessa da Rua do Caires, 6 - 1º Distrito CEP 4700-208. Maximinos/Braga, Portugal.

Declararam não haver conflito de interesse.

A essência da hipótese lançada por Merlin Donald é a de que a mente humana evoluiu da mente dos primatas mediante uma série de grandes adaptações, cada uma das quais conduziu à emergência de novo sistema de representações. Cada sucessivo e novo sistema representacional se manteve intacto dentro da nova arquitetura mental atual, pelo que a mente moderna é uma estrutura em mosaico de vestígios cognitivos dos antigos estágios da evolução humana. A indagação feita por Donald, e para a qual procura uma resposta, é: *como é que os humanos, dada a sua herança mamífera não simbólica, acabaram por conseguir representar o seu conhecimento de forma simbólica e por que estágios teve de passar esse desenvolvimento?*

No prefácio da obra *Origens do pensamento moderno*, intitulada “Três estágios na evolução da cultura e cognição de Merlin Donald”¹, Serrão admite ser *original a organização da evolução adaptativa dos homínidos em três grandes patamares, sucessivos de complexificação, no que se refere à emergência e desenvolvimento da função memória/inteligência, até ao nível de inteligência que caracteriza o homem moderno, o tipo de homem que nós somos*². Para Donald, muitos milhões de anos se passaram entre a cultura episódica dos símios e a cultura teórica do homem moderno, permeados pela existência de outras culturas. Com base na existência dessas diferentes culturas o autor definiu os patamares evolutivos do pensamento humano. Para suportar essa definição, Donald recorre a Darwin e às suas teses sobre a inteligência animal e as origens da linguagem e, ainda, à estrutura biológica da linguagem lançada por Wernicke.

O autor começa pela *cultura episódica*, a primeira fase, que poderá ser considerada como o ponto zero da evolução do pensamento humano, na qual não havia distinção entre homens e primatas. As primeiras capacidades do *Homo* eram iguais às dos atuais primatas na atribuição de sentido às percepções. A esta capacidade Donald chama de o reconhecimento de episódios: *Se os macacos forem tomados como ponto de partida, [o] seu comportamento, complexo como é, parece não refletido, concreto e ligado às situações. Mesmo o seu uso de sinais e o seu comportamento social são*

*respostas imediatas, respostas de curto prazo, ao ambiente. De fato, a palavra mais adequada para caracterizar a cultura cognitiva dos macacos (...) é o termo episódico*³.

Ao entrar num local desconhecido um macaco tem de imediato uma de duas reações: sente-se ameaçado e foge ou sente-se bem e fica. Na prática, tem-se aqui o modelo de reconhecimento de episódios que permitiu a sobrevivência da espécie durante milhões de anos. Serrão alerta para o fato deste reconhecimento ser *completamente diferente da memória de procedimentos porque a memória episódica retém pormenores do acontecimento que é, portanto, singularizado e não generalizado*⁴.

Donald refere que a cultura episódica do homem atual permite-lhe, ao contrário da espécie *Homo*, representar uma situação e refletir sobre ela⁵. A inteligência humana, neste patamar, possibilita construir uma representação global de um acontecimento ou episódio no qual se encontra inserido o ator por meio de sua percepção sensitiva do mundo exterior. Donald diz que *exemplos típicos de memórias episódicas encontram-se nos pormenores de experiências específicas: a morte de um familiar, o primeiro amor etc.* Por definição, para o autor *os episódios estão ligados ao tempo e ao espaço, a datas e lugares específicos. A característica importante deste tipo de memória é a sua natureza perceptiva concreta e a sua capacidade de retenção de pormenores episódicos específicos.* Considera, portanto, que os seres humanos têm sensibilidade para compreender o significado de eventos ambientais e armazená-los em memória episódica.

À aprendizagem resultante do exercício do conhecimento de episódios dá-se o nome de cultura episódica. Os macacos atuais, segundo Serrão⁴, vivem neste tipo de cultura, *referida já a um eu rudimentar com base numa memória afetiva.* Nesta cultura episódica terão vivido os australopithecinos e os homínidos.

Para Donald, a primeira transição importante foi a do desenvolvimento de uma *cultura mimética*. Ao viver em grupo, o *Homo erectus*, um subgrupo do *Homo*, teve de se socializar e sentiu a necessidade de comunicar-se com o outro. Impossibilitado de utilizar a linguagem, desenvolveu a capacidade de usar todo o corpo como dispositivo de comuni-

cação e tradução de percepção de eventos. E é esta função que faz com que a mimese seja *fundamentalmente diferente da imitação e da mímica na medida em que envolve a invenção de representações intencionais*. Com esse sistema ou cultura, houve, segundo Donald, tal como citado por Moura,

(...) mudanças nos padrões de expressão social dos hominídeos. Assim, as expressões emocionais tornaram-se ampliadas, mais complexas, não estereotipadas e passíveis de serem empregadas na comunicação intencional. Quando as pessoas não possuem linguagem, e se não sofrerem de alguma lesão que lhes tire outras capacidades cognitivas fundamentais, podem continuar a participar em todas aquelas formas de cultura humana que não requerem linguagem. Seguramente que estas capacidades podem, por si próprias, mesmo de uma forma simplificada, constituir a base de uma cultura (...). A capacidade mimética ou mimese baseia-se na possibilidade de produzir atos representacionais conscientes, autoiniciados, que são intencionais mas não linguísticos. Estes atos miméticos são definidos essencialmente em termos da sua função representacional ⁶.

Toda a comunicação não verbal é mimética e pode ser efetuada mediante variadas ações, conforme o objetivo a que se propõe: expressões faciais, movimentos de olhos, sinais, gestos, atitudes corporais, padrões de movimentos de todo o corpo, tons de voz etc. Há ainda um ingrediente que o homem, e só ele o pode fazer, acrescenta à mimese: o ritmo. O ritmo vem acrescentar ao gesto um outro valor.

A maior importância da cultura mimética *deve ter sido na modelação coletiva e, portanto, na estruturação da sociedade hominídea, em si mesma. A cultura mimética foi uma adaptação estável e bem-sucedida, uma estratégia de sobrevivência para os hominídeos que durou mais de um milhão de anos* ⁷. Atualmente, todo ser humano utiliza a mimese. A gesticulação, a expressão facial, a pantomima, a vocalização inarticulada, servem como recursos para os indivíduos privados da fala. Segundo Donald, para alguém que não possua a capacidade de linguagem a mimese mantém-se

como o melhor caminho para a representação da realidade, dominando, presumivelmente, as formas da experiência consciente.

Foi por meio da mimese que o *Homo erectus* descobriu o *outro* mediante a manifestação de sua própria identidade. Com a revelação do *outro* conheceu o amor. Com isso, o acasalamento deixou de ser agressivo. Hodiernamente, a mimese ainda é fundamental para a expressão do amor – é por intermédio dela que esse sentimento se exprime. O enamoramento é essencialmente mimético.

Para Donald, esse processo de mimese constitui uma pré-adaptação à linguagem, lançando os fundamentos para a expressão intencional nos hominídeos. Com a mimese foi possível desenvolver áreas cognitivas que permitiram a emergência das palavras e da sintaxe, como veículos do pensamento e da comunicação simbólica.

Os surdos-mudos totalmente iletrados como uma criança antes da fase linguística constituem bom exemplo deste atributo. Da mesma forma, pode-se imaginar que tenha sido a comunicação do *Homo erectus* em plena cultura mimética ⁴. Tomando-se o exemplo da criança, ela precisa de dois a três anos para o desenvolvimento e uso do aparelho fonológico que já se encontra devidamente instalado. O *Homo erectus* teria vivenciado dois a três milhões de anos de triunfante cultura mimética, durante os quais foram criados todos os instrumentos necessários à sobrevivência ⁸.

A segunda transição refere-se à *cultura mítica-oral*. Esta etapa envolve o que Donald denomina por *“invenção lexical” e a evolução fonológica, incluindo um conjunto de modificações neuronais e anatômicas específicas*. Para Moura, *com o desenvolvimento do sistema linguístico, o produto coletivo resultante é de um pensamento narrativo e ‘cultura mítica’, e um novo modo de representação compartilhada* ⁶.

Um dos instrumentos da mimese foi a voz e os tons de voz. Na emissão de sons laríngeos o *Homo erectus* tinha já descoberto e utilizado o ritmo na expressão vocal. Com a mimese o ritmo nos sons laríngeos evoluiu notavelmente. Os sons e os gritos vocais passam a reportar-se a objetos e não apenas a situações. Neste estágio cada um inventa a sua própria linguagem. A verdadeira no seu entender.

E como se entenderá com os outros? Começam então a ser formados grupos de sequazes. Seguidores da verdade do outro, ao qual aceitavam e seguiam. Estava *institucionalizado* o mito, ou seja, a descrição de conteúdos significativos de experiência individual. É a cultura mítico-oral.

Os mitos são a fundamentação das finalidades das comunidades humanas. Ao viver o mesmo mito garante-se a coesão social do grupo. Associada à construção do mito está a descoberta da transcendência, que é marcante neste patamar. O homem faz porque Deus manda que assim se faça. É o nascer da mitologia grega e romana. O mito é sempre verdadeiro porque traduz, representa, significa o conteúdo da autoconsciência do ser humano:

*A cultura mítica tendeu rapidamente para a integração do conhecimento. O relatório espalhado e concreto da cultura mimética ficou sobre o controlo do mito integrador. (...) As consequências sociais da integração mítica foram evidentes a nível cultural: as narrativas conferiram aos acontecimentos um sentido contextual para os indivíduos. (...) O mito governa a mente coletiva. A invenção simbólica, numa grande escala permitiu a articulação da estrutura inerente aos acontecimentos episódicos*⁹.

O ser humano deste patamar deu início à comunicação verbal nas suas formas oral, mítica e simbólica. Esta linguagem terá sido inicialmente utilizada não como instrumento de progresso tecnológico, para o qual não era necessária, mas como meio de conceitualização do universo moderno⁴. Segundo Donald¹⁰, as culturas episódica, mimética e mítica são conceitos unificadores e abrangentes que expressam a qualidade cognitiva dominante da mente individual em relação à sociedade. As duas transições anteriores representaram saltos qualitativos em relação ao passado cognitivo.

A passagem para a *cultura exterior simbólica*, a terceira transição, deve ter sido recente. Sob a ótica de Donald, três fenômenos cognitivos fulcrais essenciais parecem ter ficado subdesenvolvidos, ou virtualmente ausentes, na cultura oral-mítica. Estes fenômenos são a invenção gráfica, a memória externa e a construção de teorias. A

invenção gráfica terá, assim, permitido a criação de classes inteiramente novas de símbolos, em relação aos que eram usados na comunicação mimética e oral-linguística.

O segundo fenômeno cognitivo relaciona-se com a memória. *Enquanto as culturas oral-míticas dependiam fortemente da memória biológica individual, as culturas modernas dependem muito mais de mecanismos externos de memória, maioritariamente de várias classes de símbolos gráficos, desde ilustrações e gráficos a ideogramas e escrita. [A] mudança é de mecanismos de armazenamento de memória interna para memória externa*¹¹.

É no terceiro fenômeno que se encontra o produto cultural mais importante da cognição humana: a construção de teorias. Este produto cultural, *superior* nas palavras de Donald, é a teoria formal, um mecanismo integrador que é bem mais que invenção simbólica: é um sistema de pensamento e argumento que prevê e explica. O autor conclui considerando que teorias bem-sucedidas conferem poder.

É por meio da cultura exterior simbólica, da obsessão com os símbolos e com sua gestão, que o ser humano atual alcançou significativos sucessos na lógica e na matemática, que lhe permitiram a invenção dos computadores com uma panóplia de consequências no nosso dia a dia. Esses grandes sucessos, segundo Donald, representam mudança potencialmente irreversível no balanço cognitivo do poder para uma estrutura cognitiva humana completamente baseada na dominância da memória externa.

Para concluir esta sumaríssima abordagem dos patamares evolutivos do pensamento moderno de Donald, deve-se referir que para este autor todas as formas de representação humana, desde a base experimental episódica arcaica, por meio da mimese e da fala, até as capacidades visigráficas mais recentes são agora refinadas e expansíveis mediante o uso de mecanismos eletrônicos. Ainda segundo Donald, as mentes modernas são hibridações, combinações altamente plásticas de todos os elementos prévios da evolução cognitiva humana, permutados, combinados e recombinados. Agora, os seres humanos são míticos, teóricos, podem voltar às raízes episódicas da experiência, examinando

do e reestruturando as memórias episódicas atuais dos acontecimentos por intermédio da magia cinematográfica. E, de tempos a tempos, voltamos à pessoa da nossa própria narrativa, pretendendo que nada mudou. Mas tudo mudou.

Apesar de ter-se atingido um estágio de grande desenvolvimento cognitivo, a perspectiva de mudança ainda é muito grande. Provavelmente, sequer se consegue vislumbrar a ponta do *iceberg*. Donald conclui sua obra com a seguinte frase, na qual aceita as limitações atuais da mente humana: *A terceira transição levou a uma das maiores reconfigurações da estrutura cognitiva da história dos mamíferos, sem grandes mudanças genéticas. Em princípio, este processo pode continuar, e podemos não ter visto ainda a configuração modular final da mente moderna. As teorias da evolução humana devem desenvolver-se de modo a permitir esta possibilidade* ¹².

Descrição do caso clínico

O caso clínico a ser descrito e que pretende referendar, na prática, os patamares evolutivos delineados por Donald aconteceu numa unidade de terapia intensiva (UTI) de um hospital português, não identificado por razões de ordem ética. Pelo mesmo motivo, o paciente também não foi identificado.

O fato ocorreu num domingo de março dos anos 90. A tarde estava no início e há cerca de 30 minutos esperávamos aquele doente que acabara de chegar. A expressão facial apavorada, fruto do terrífico ambiente próprio de uma UTI, emergiu com aquela que foi talvez a última expressão verbal do paciente, que caracterizou seu estado de espírito. Apesar de nenhum médico o ter informado de sua grave situação clínica, percebera que mais nenhum domingo do resto de sua vida começaria como este.

A filha do paciente completava 18 anos no mesmo dia. Iria receber um presente memorável, pelo qual ansiava há anos: uma motocicleta, que o próprio pai fez questão de experimentar. Nesse teste, porém, ocorreu um choque com uma árvore, apesar de o paciente ter tentado frear o veículo. O piloto foi projetado para a frente e bateu a cabeça na árvore, o que lhe provocou rotação cervical.

Ao ser levado ao serviço de urgência, a tetraplegia que apresentava era evidente. Os exames complementares de diagnóstico confirmaram a suspeita: o paciente contraíra uma secção medular traumática completa no nível das vértebras cervicais C2 e C3. Irreversível. A falência respiratória, a primeira de muitas complicações, sobreviria a curto prazo. Era necessária a transferência imediata para a UTI.

Foram várias as intercorrências durante o internamento. Além da inevitável intubação traqueal para ventilação mecânica, que posteriormente passaria à traqueostomia, fez-se necessária a implantação de um marca-passo cardíaco (*pace maker*) devido às bradicardias (por disfunção do simpático), prevenindo, assim, uma previsível parada cardíaca. Além disso, seria indispensável o monitoramento permanente dos sinais vitais, a cateterização contínua de uma veia central, a perfusão de fluidos e medicação por meio de bombas e seringas perfusoras, e ainda a algaliação. O desenvolvimento do íleo paralítico foi uma constante, sendo muitas vezes necessária a extração manual de fecalomas. A perda de controle do sistema simpático levou a contínuos espasmos musculares intensos dos quatro membros. As variações de temperatura também foram bem patentes durante o internamento, oscilando entre a hipotermia e a hipertermia.

Ao fim de onze meses, após um raro período de estabilidade hemodinâmica e sem qualquer intercorrência de índole infecciosa, começou-se a planejar a alta do paciente. A segurança social (serviço social) conseguiu a colocação de um ventilador (respirador) no seu domicílio, bem como um aspirador de secreção. As pessoas que iriam ser as prestadoras de cuidados, esposa e filha, acompanharam os enfermeiros durante uma semana para, finalmente, o paciente poder retornar à casa. Durante a primeira semana recebeu apoio domiciliar, tanto médico como de enfermagem, finda a qual ficou entregue aos cuidados dos familiares.

Não decorreram dois meses desde a alta quando o paciente deu entrada no serviço de urgência com grave infecção respiratória. Os primeiros cuidados foram prestados e foi obrigatório o

reinternamento na UTI. A sua memória episódica funcionou de novo e foi notório o seu desapontamento. Iria voltar para a mítica antecâmara da morte. No dia seguinte, já não estava na UTI. Teve o direito de morrer. Mas continua vivo na memória dos profissionais da unidade que o assistiram. Ele os marcou indelevelmente.

Aplicação dos patamares evolutivos de Merlin Donald

O internamento do paciente foi prolixo e excruciante. Como enfermeiro de referência fui o profissional de saúde que mais horas lhe dedicou. A relação humana mantida durante onze meses foi tão estreita e profunda que passados dez anos ainda se mantém viva na memória. Os fatos recordados foram a principal fonte de sustentação da análise apresentada neste trabalho, baseado nos aportes teóricos de Merlin Donald.

A seguir, serão narrados episódios do internamento aos quais foi possível associar os patamares evolutivos de Donald. No prefácio da obra deste autor, Serrão observa que *os saltos qualitativos a partir da "cultura" episódica para a mimese, o mito e a simbolização, têm uma justificação e podem ser compreendidos, na ótica de um cérebro que se adapta às solicitações do meio para garantir a sobrevivência, até à libertação obtida com a cultura exterior simbólica*. Os episódios desta adaptação e da permanência do paciente na unidade de cuidados intensivos têm início quando de sua admissão.

A primeira analogia que encontrei entre este caso e a teoria de Merlin Donald foi no momento da admissão, mais concretamente na reação verbal do paciente como resposta à identificação do local onde tinha acabado de ingressar. Ingressar numa UTI é no mínimo consternador. O ambiente próprio dessas unidades, constituído por aparelhos de alta tecnologia como, por exemplo, ventiladores e monitores, os ruídos *normais* emitidos não só por esses tipos de aparelhos, mas também pelas bombas infusoras, a linguagem quase cem por cento técnica entre os profissionais de saúde e a inexistência de diálogo entre os doentes criaram o mito de que os que lá ingressam estão ligados às máquinas

e muito dificilmente sobreviverão. Para os leigos, uma UTI é como a antecâmara da morte. Donald define esse tipo de mito como produto do modo narrativo, *a versão, debatida, disputada, o produto filtrado ao longo das gerações de trocas narrativas sobre a realidade*¹³. Tal como indicado, o mito governa o imaginário coletivo.

O paciente não alcançou a terceira transição dos patamares evolutivos. Sobre esta transição, Donald afirma: *O primeiro degrau em qualquer nova área de desenvolvimento teórico é sempre antimítico: as coisas e os acontecimentos devem ser despidos das suas significações míticas anteriores*¹⁴. Só depois devem ser submetidas à *análise teórica objetiva*. Este é um processo de desmistificação que o paciente não atingiu. Mas a sua reação verbal, que refiro ter caracterizado superiormente o seu estado de espírito estampado em uma expressão facial apavorada, não foi apenas consequência do funcionamento do mito. A memória episódica funcionou como catalisador dessa expressão verbal.

Já foi dito que, para Donald, a memória episódica está ligada ao tempo, espaço, datas e lugares específicos e que são características importantes a percepção concreta e a capacidade de retenção de pormenores específicos. O ser humano revela sensibilidade para a compreensão do significado de eventos ambientais e armazena-o em memória episódica. Na consulta do prontuário do paciente verificou-se que o seu pai tinha falecido não naquela, mas noutra UTI há cerca de quinze anos.

Mal o tinham deitado e já o tabuleiro de intubação traqueal estava pronto. As explicações foram quase nulas e o consentimento informado foi uma miragem. A minha memória episódica lembra-me uma simples justificação para o fato de ele ir deixar de respirar e ser necessária a intubação e posterior conexão ao aparelho de ventilação mecânica. Quanto às consequências diretas imediatas, nomeadamente o fato de deixar de emitir sons, nada é dito.

Só ao fim de alguns meses aceitou sua condição de tetraplégico, algaliado e com descontrolo de esfíncteres, com necessidade de ventilação assistida e ritmo cardíaco artificial. A depressão foi notória e facilmente percebida na mimese facial do paciente, que transmitia suas emoções por

esse meio de expressão. A tristeza, a passividade e a indiferença demonstradas durante a prestação de cuidados faziam parte do seu cotidiano emocional. Num determinado hiato temporal, em lágrimas, esforçou-se e fez compreender a mensagem que pretendia transmitir: não queria viver, apesar de estar condenado à vida.

Cessada a fase de negação da doença e sem lesão cerebral que lhe retirasse as capacidades cognitivas fundamentais, o paciente passou a desenvolver estratégias de adaptação à nova situação. O recurso à mimese foi uma delas. Impedido de utilizar a linguagem, adotou recursos facilitadores da comunicação com os profissionais da unidade de cuidados intensivos.

Sendo a face, em particular, e segundo Donald, *um dos órgãos miméticos mais largamente usados no repertório cognitivo humano*¹⁵, ela foi amplamente utilizada pelo paciente. Toda a face, o seu único órgão mimético, foi usada para comunicar-se. Desde o franzir de testa quando sentia hipertermia, até a emissão de estalidos que produzia com a língua e o palato, quando sentia necessidade de ser aspirado, passando pelo piscar de olhos quando se sentia compreendido, pelo cerrar de ambos os olhos quando a nossa interpretação não correspondia e pelo encolher do nariz quando não lhe agradava qualquer coisa, variadas representações intencionais inventadas foram surgindo no dia a dia do paciente. Confirmaram-se neste caso clínico algumas propriedades importantes dos atos miméticos individuais preconizadas por Donald, nomeadamente a intencionalidade, a generatividade e a comunicabilidade.

Das seis emoções classificadas por Damásio¹⁶ como primárias ou universais – alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa e aversão –, cinco estiveram bem patentes na expressão facial do paciente ao longo do internamento. Mesmo quando perfeitamente compreendido sua expressão transmitia conformação, resignação. A alegria nunca foi transmitida por sua mimese – nunca observei sequer o esboço de um sorriso.

No caso do paciente, o recurso à mimese foi verdadeira estratégia de sobrevivência. Com seu uso, o processo de comunicação entre ele e os profissionais da UTI ficou facilitado, possibilitando

a prestação de cuidados, nomeadamente os cuidados de enfermagem em tempo útil e oportuno. As principais necessidades do paciente estavam perfeitamente codificadas em sua mimese e eram facilmente decodificadas pelos prestadores de cuidados, que de imediato se prontificavam a satisfazer essas necessidades. Quase toda a prestação de cuidados ocorreu num contexto mimético estabelecido pelo doente e aceito pela equipe.

No que se refere à cultura exterior simbólica, o paciente pode não ter sido um bom exemplo para a teoria de Donald. Pelo menos de forma direta. Sua situação clínica não lhe permitia, por exemplo, desenvolver os atributos próprios ao aspecto gráfico. No entanto, quando o foco restringe-se a outros dois fenômenos cognitivos, que segundo Donald terão sido desenvolvidos nesta cultura exterior simbólica, pode-se considerar que pelo simples fato de alguém efetuar este trabalho, em que o paciente é o protagonista, estar-se-á a passar parcelas de manifestação de sua memória biológica para a memória externa por meio da escrita.

Outra forma indireta de manifestação da cultura exterior simbólica refere-se ao armazenamento simbólico externo efetuado pela equipe de saúde. Vejamos: os ganhos em saúde de que um doente pode se beneficiar advêm da prestação de cuidados de uma equipe de saúde. Esses ganhos não provêm da prestação individual de um cuidador, mas da prestação de toda a equipe. Para que isto seja possível a equipe de enfermagem tem a tradicional *passagem de turno* e a equipe médica as habituais reuniões de serviço, que mais não são do que momentos de reflexão e de comunicação sobre as necessidades evidenciadas pelos doentes, os cuidados prestados, a resposta dos pacientes a esses cuidados em termos de saúde e a avaliação desses mesmos cuidados.

Os profissionais presentes nestas reuniões passam a funcionar em rede. E o doente sai altamente beneficiado desta troca de impressões, desta passagem de memória individual à coletiva. Refere Donald que *o sistema de memória, uma vez tornado coletivo ao integrar-se no sistema de armazenamento simbólico externo, torna-se virtualmente ilimitado na sua capacidade e muito mais preciso*¹⁷. E o fruto deste trabalho em rede, desta

memória tornada coletiva, é registado no prontuário clínico do paciente. Passa a ser um efetivo armazenamento simbólico externo.

A partir daí todos os elementos da equipe de saúde poderão aceder a estes registros, refletir, dialogar e investigar para aperfeiçoar. Acerca disso, aponta Donald, *os indivíduos ligados a uma rede cultural podem ter acesso a um banco de memória externo, ler os seus códigos e conteúdos, guardar novas contribuições de forma permanente e interagir com outros indivíduos que utilizem os mesmos códigos e caminhos de acesso*¹⁸. E conclui, ainda, que *dividem entre si um sistema de memória comum; e à medida que a base de dados desse sistema se expande muito para além do domínio de qualquer indivíduo, o sistema torna-se, de longe, o fator mais determinante da cognição dos indivíduos*.

Considerações finais

Acreditamos que o caso do paciente de uma UTI, que serviu de base para exemplificar a teoria dos patamares evolutivos de Merlin Donald, seja apenas um entre muitos. A partir do momento em que um ser humano se vê privado do movimento e da fala, vendo-se limitado em sua autonomia, tem de desenvolver mecanismos de compensação. A comunicação, característica fundamental do ser humano, é o principal alvo dessa compensação.

Se um ser humano for compreendido, pode esperar que o outro lhe responda às solicitações. E esta resposta tem a ver com a sua própria autonomia. Apesar das limitações da tetraplegia, o paciente pode exercer a sua autonomia ao comunicar ao cuidador suas necessidades, desejos e intenções. Se o enfermeiro responde positivamente ao apelo, o doente sentir-se-á dono de si, controlador do seu corpo – em alguma medida, autônomo. Como cuidador, atesto a satisfação que sentia com aquele piscar de olhos, sinônimo de compreensão da mensagem emitida.

Mas não foi fácil chegar a esta fase de compreensão. Donald adverte que *compreender as intenções dos outros requer um afastamento em relação ao egocentrismo cognitivo*. Este afasta-

mento, gradual, não foi fácil, tal como a evolução da comunicação do paciente. Na proporção em que se adaptava à UTI e desenvolvia a sua forma de comunicar, eu e os demais profissionais fomos nos afastando de nosso egocentrismo cognitivo para nos aproximarmos do paciente. Muito caminho foi percorrido desde sua admissão até o estabelecimento da simbiose de compreensão/satisfação das necessidades básicas afetadas. Penso poder estar em condições de afirmar que houve evolução no pensamento do paciente durante o período de internamento. Uma evolução que não contraria de forma alguma a teoria defendida por Donald, antes pelo contrário.

Em uma de suas aulas, Daniel Serrão indicou que, para Merlin Donald, *o Homem como ser inteligente não foi sempre como é hoje*. Evoluiu. E foi com esta evolução da inteligência que em pleno século XX emergiu a bioética, um campo de diálogo entre áreas do conhecimento capaz de refletir o atual patamar evolutivo. Um campo de reflexão resultante do desenvolvimento do pensamento. Não limitando o conhecimento, a bioética poderá evidenciar-se como lócus normativo de sua aplicação.

Que nada impeça o desenvolvimento do pensamento humano, mas que haja limites. Limites éticos que não poderão permitir a utilização inadequada da própria cognição. Se tal acontecer, poderá determinar a própria irreversibilidade do processo evolutivo da cognição, ao ponto de ver-se subestimada a pessoa humana. A construção do ser humano e da capacidade do pensamento foi obra que os seres humanos tiveram de construir pacientemente; demorou o tempo necessário para atravessar cada um destes patamares.

Se frente às conquistas atuais não se pode recuar, a atenção às encruzilhadas da ciência é imprescindível. Com prudência e sem precipitação faz-se preciso deixar os mecanismos adaptativos da cognição atuarem de forma atempada e concertada à *Bridge to the future* – que Potter lançou há cerca de 35 anos. A humanidade deve demorar o tempo necessário para atravessar esta ponte, sob pena de a quarta transição vir a ser apelidada de *Da armazenagem simbólica externa e cultura teórica à cultura da extinção humana*.

Referências

1. Donald M. Origens do pensamento moderno. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1999.
2. Donald M. Op. cit. p. 7.
3. Donald M. Op. cit. p. 185.
4. Serrão D. Archeo-biologia e bioética: um encontro não conflituoso. In: Borges A, Pita AP, André JM, coordenadores. Ars interpretandi: diálogo e tempo. Porto: Fundação Eng^o António de Almeida; 2000. p. 249-54.
5. Donald M. Op. cit. p. 197.
6. Moura MLS. Dentro e fora da caixa preta: a mente sob um olhar evolucionista. Psic: teor e pesq. 2005;21(2):144-7.
7. Moura MLS. Op. cit. p. 245.
8. Moura MLS. Op. cit. p. 250-1.
9. Donald M. Op. cit. p. 325.
10. Donald M. Op. cit. p. 327.
11. Donald M. Op. cit. p. 331.
12. Donald M. Op. cit. p. 456.
13. Donald M. Op. cit. p. 313.
14. Donald M. Op. cit. p. 333.
15. Donald M. Op. cit. p. 222.
16. Damásio A. O sentimento de si. 15ª ed. Sintra: Publicações Europa América; 2004. p. 71.
17. Donald M. Op. cit. p. 375.
18. Donald M. Op. cit. p. 212.

Participação dos autores

Os dois autores participaram igualmente na elaboração do trabalho.

